



Arquitetura Vernácula

Maria Fernandes | CEAACP/FCT/UCoimbra | DGPC



Figura 1 – Arquitetura vernácula. Montargil, Ponte de Sor (Portalegre). Monte alentejano em pátio. Construção em taipa e adobe.
Créditos Maria Fernandes, 2008.

Arquitetura Vernácula

Arquitetura vernácula é o termo anglo-saxónico para designar a arquitetura construída pelo povo e para o povo nas palavras de Paul Oliver (...) it includes many types of buildings which have not been professionally designed (...) were built either by occupants themselves or by members of their communities, without external professional intervention. These dwellings, the houses of, and by, the people, are the subject... (...) [1]. No entanto, esta designação nos países latinos e, sobretudo, em Portugal não é muito utilizada. Para designar arquitetura vernácula em língua portuguesa os termos utilizados são: arquitetura popular, tradicional e regional. Estes foram os termos usados pelos etnógrafos, agrónomos, arquitetos e geógrafos nos estudos que efetuaram em meados do século XX sobre arquitetura vernácula em Portugal.

Para além da terminologia, importa ainda, clarificar que a designação de arquitetura vernácula surge por oposição à designada arquitetura de autor ou planificada. A primeira está, diretamente, relacionada com o local é construída pela comunidade ou pelos próprios em técnicas e materiais tradicionais. A segunda é indireta, externa ao sítio, é uma arquitetura desenhada por projetistas e edificada por construtores. Trata-se de uma arquitetura que reflete o que outros pensam sobre como as populações vivem ou gostariam de viver e por isso, uma arquitetura externa à comunidade local, muita embora possa utilizar materiais tradicionais e, em termos estéticos, se assemelhe à arquitetura vernácula (figuras 1 e 2). A essa arquitetura os anglo-saxónicos designam de (...) popular architecture [2].



Figura 2 – Arquitetura planificada. Ílhavo (Aveiro). Casa na colónia agrícola da Gafanha. Projetos da Junta de colonização interna de 1942 e 1954. Créditos Maria Fernandes, 2008.

Da investigação

Em termos de investigação em Portugal, podem considerar-se quatro os momentos, cruciais, para o conhecimento da arquitetura vernácula, sendo que alguns desses levantamentos ou estudos decorreram em simultâneo.

O primeiro momento foi o dos estudos de etnologia/etnografia e antropologia cultural. Com início nos finais do século XIX por José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e com enorme desenvolvimento em meados do século XX no Centro de Estudos de Etnologia e no Centro de Estudos de Antropologia Cultural. Essas investigações basearam-se, sobretudo, em levantamentos de campo, e foram primordiais para o conhecimento da habitação e da vida quotidiana das populações. A antropologia cultural, com uma metodologia própria a partir do interior das comunidades, foi das que mais contribuiu para o entendimento, da forma de habitar das comunidades rurais e também urbanas no nosso país. Os estudos que decorreram, sensivelmente, a partir dos anos vinte e mais tarde com o geógrafo Jorge Dias (1907-1973), os etnógrafos Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1973), Fernando Galhano (1904-1995) e Benjamim Pereira nos anos cinquenta desenvolveram – se até meados dos anos setenta (figuras 3 e 4). Posteriormente, já com a criação, em 1965 do Museu de Etnologia em Lisboa e com o aparecimento dos cursos de antropologia cultural nas universidades portuguesas a

investigação neste domínio prossegue, com práticas e incidência na salvaguarda do património cultural e outros desenvolvimentos, com a investigação crítica e mais recente de João Leal.

O segundo momento foi da responsabilidade do Instituto Superior de Agronomia com o inquérito à habitação rural, promovido pelo senado universitário. A coordenação coube ao professor Henrique de Barros (1904-2000) e, decorreu de 1942 a 1946. Este inquérito tinha como objetivo principal conhecer as condições económicas e de salubridade em que viviam as famílias camponesas em Portugal. Deste inquérito apenas o 1º e o 2º volume foram publicados na altura. O 3º volume de 1943 e dedicado ao Ribatejo, Estremadura, Alto e Baixo Alentejo assim como ao Algarve, acabou por ser publicado apenas em 2012, sem no entanto abordar o Algarve.

O terceiro momento respeita aos estudos em geografia física e humana, a partir de meados do século XX com os geógrafos Amorim Girão (1895-1960) e Orlando Ribeiro (1911-1997). As diferentes linhas de investigação em geografia marcaram toda uma geração de geógrafos e mais tarde de urbanistas e profissionais do planeamento territorial português. Nos últimos anos o tema da vida no campo e sobretudo o mundo rural no atual contexto português tem conhecido novos desenvolvimentos com as publicações do professor Álvaro Domingues.



Figura 3 – Casa Gafanha. Gafanha da Nazaré, Ílhavo (Aveiro). Casa em adobe, identificada pelos etnógrafos. Créditos Maria Fernandes, 2008.



Figura 4 – Casa do baixo Mondego. Painça, Soure (Coimbra). Casa em adobe, identificada pelos etnógrafos. Créditos Maria Fernandes, 2008.

O quarto e último momento foi o do inquérito à arquitetura regional portuguesa, uma iniciativa do Sindicato Nacional dos Arquitetos Portugueses que decorreu entre 1955 a 1960. O levantamento tinha como objetivo contrariar as tendências nacionais e governamentais da “casa portuguesa”. Os arquitetos pretendiam demonstrar que em Portugal não existia uma “arquitetura” mas sim várias e diversificadas arquiteturas, com laços comuns com o Mediterrâneo e outras regiões (figuras 5 e 6). O levantamento da arquitetura vernácula e erudita patente neste inquérito provou a sua enorme adaptação aos sítios, a intrínseca relação com os materiais locais, demonstrando ainda a complexidade das diferentes culturas construtivas no território português, fruto de inúmeras influências. O inquérito surge a partir da ideia original de Francisco Keil do Amaral (1910-1945) e nela participaram inúmeros arquitetos dos quais se destacam, entre outros, Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), Fernando Távora (1923-2005), António Pinto de Freitas (1925-2014), António Menéres e Francisco Silva Dias, estes dois últimos os que ainda se encontram vivos e que participaram em grupos territoriais diferentes no inquérito.

Atualmente a investigação sobre arquitetura vernácula ultrapassa o território português e é feita a partir de uma perspectiva global e universal. No contexto atual, de mudanças e do fim do mundo rural tal como se conheceu durante o século XX, os estudos visam principalmente o papel atual da arquitetura vernácula, a sua salvaguarda e, sobretudo, o seu contributo e a sua utilização no futuro. A investigação nos dias de hoje incide muito, na reabilitação do património vernáculo e questionam a sua continuidade no futuro. Por esse motivo, a investigação incide sobre territórios mais alargados, regiões e diversos países. Os estudos recentes têm sido financiados por programas da União Europeia. Caso dos programas EUROMED, VERSUS e REVER, só para citar alguns.

No entanto a dúvida permanece e, apenas o futuro irá provar, qual da arquitetura vernácula que ainda conhecemos irá permanecer e resistir ao mundo em constante mudança rápida que assistimos.

NOTAS

[1] e [2] - OLIVER, Paul – Dwellings, the vernacular house worldwide, pp.14 e 15.



Figura 5 – Casa urbana de um piso com chaminé. Pavia, Mora (Évora). Casa em taipa, identificada pelos arquitetos no inquérito.
Créditos Maria Fernandes, 2019.



Figura 6 – Casa com telheiro integrado. Granja, Monte Real (Leiria). Casa em adobe, identificada pelos arquitetos no inquérito.
Créditos Maria Fernandes, 2008.

Bibliografia

AAVV – *Arquitectura Popular em Portugal*, 3 vols., (3ª edição). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

AAVV – *VerSus - Lessons from Vernacular Heritage to Sustainable Architecture. Booklet*. Grenoble: Ed. ENSAG/Craterre, 2014. ISBN : 978-2-906901-78-0, [em linha], [Consult. 2019-09-29]. Disponível em WWW: <URL:https://www.esg.pt/versus/pdf/versus_booklet.pdf>

AAV (coord. Henrique de Barros) – *Inquérito à habitação rural, vol. 2. A habitação rural nas províncias da Beira*. Lisboa: Ed. Universidade Técnica de Lisboa, 1947.

AAVV (coord. E.A. Lima Basto; António Faria e Silva, Carlos Silva) – *Inquérito à habitação rural, vol. 3. A habitação rural nas províncias da Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo e Baixo Alentejo*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 2012, ISBN 978-972-27-2122-6.

DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora, 2011, ISBN 978-989-8217-19-6.

LEAL, João – *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. 2009, ISBN:

978-972-99852-3-2, pp. 3-72. [em linha], [Consult. 2012-07-12]. Disponível em: <http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO Fernando – *Arquitectura Tradicional em Portugal* (2ª. Edição). Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994, ISBN 972-20-0959-1.

OLIVER, Paul – *Dwellings, the vernacular house worldwide* (first published). London: Phaidon Press Limited, 2003, ISBN 0 7148 42028.

RIBEIRO, Orlando — *Inquérito do habitat rural*. Coimbra: Coimbra Editora/Ministério da Educação Nacional, 1938.

REVER. *Atas do seminário contributos da arquitetura vernácula portuguesa para a sustentabilidade do ambiente* (ed. Ricardo Mateus, Jorge Fernandes, .Luís Bragança, Manuela Almeida, Sandra Silva, Paulo Mendonça, Helena Gervásio). Porto 28 de março, 2015. [em linha]. [Consult. 2019-09-29]. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/11748/1/artigo%20Seminario%20reVer%20mar15_repositorio.pdf

